



## **Ó PAÍ Ó: Percepções de Baianidade e da Imagem do Destino Turístico a partir do olhar da Análise do Discurso.<sup>1</sup>**

Hanayana Brandão Guimarães Fontes Lima<sup>2</sup>  
Pricilla de Souza Andrade<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

### **Resumo**

Este trabalho se dedica a realizar análise de discurso presente no filme Ó Pai Ó, tendo em vista que o mesmo se constitui através de elementos simbólicos que permeiam o imaginário coletivo e a construção discursiva do texto identitário da baianidade, a saber: sensualidade, musicalidade, sincretismo religioso, dentre outros. Busca-se demonstrar através desta pesquisa de que maneira a imagem do destino turístico, Salvador, e conseqüentemente Bahia é afetada.

**Palavras-chave:** baianidade; análise do discurso; imagem turística.

### **Considerações Iniciais**

Desde meados dos anos de 1990 quando o cinema nacional toma fôlego e começa a produzir mais, e a competir por prêmios do cinema mundial, ele ganha *status* de qualidade, repercutindo no mercado filmográfico. Ainda assim, é interessante constatar como Ó Paí Ó, filme dirigido por Monique Gardenberg, realiza o funcionamento do discurso de baianidade, que será analisado mais à frente, com base, nos elementos simbólicos já constituídos no imaginário coletivo, reforçando com isso, a imagem do destino turístico Bahia.

O filme é resultado da peça teatral homônima, escrita por Márcio Meirelles, atual secretário de Cultura do Estado, a partir de experiências reais de moradores do Pelourinho. A peça encenada, com êxito, pelo Bando de Teatro Olodum, esteve em cartaz durante os anos 90 e depois da estréia do filme voltou a ser apresentada.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT Comunicação Aplicada ou Segmentada, do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz, aluna especial do Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz - Uesc. hanayana@hotmail.com

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz, mestranda em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz - Uesc. pricillandrade@yahoo.com.br



O filme, dirigido pela cineasta baiana radicada no Rio de Janeiro - Monique Gardenberg, ganhou recentemente as telas dos cinemas e história promete virar uma mini - série com estréia prevista para novembro deste ano na TV Globo, segundo dados do Jornal A Tarde (2007).

A história se passa no Pelourinho antigo, durante a terça-feira de carnaval, e debate através da vida cotidiana de seus personagens diversos temas importantes. Os inúmeros personagens da trama - músicos, artistas plásticos, prostitutas, travestis e baianas de acarajé -precisam enfrentar propositalmente a falta de água no cortiço onde moram. A ação provocada pela proprietária do prédio, uma evangélica fervorosa.

De acordo com declarações da diretora em entrevista para o jornal Folha de São Paulo, de 30 de março de 2007, o filme é uma comédia com fundo sério, capaz de "mostra o Carnaval visto por baixo" e tocar "em pontos nevrálgicos do país, sem perder o humor". Para ela, entre os pontos que merecem destaque durante a narrativa pode-se destacar o aborto, o racismo, a homossexualidade, a prostituição, a desatenção do Estado às populações pobres e, também, "uma discussão sobre como a igreja evangélica vai invadindo a Bahia negra, berço do candomblé".

É importante destacar que mesmo sendo considerado por muitos críticos como mais um instrumento de divulgação do "ser baiano", o filme toca profundamente a relação do povo brasileiro com a Bahia e do baiano com ele mesmo, especificamente os moradores de Salvador e do Pelourinho, um dos mais importantes atrativos turísticos da Bahia. E espaço onde se passa a história.

No que tange às imagens dos destinos turísticos é sabido que elas são constituídas pelos atrativos e serviços que o lugar oferece, agregados às promessas de experiências empíricas e emocionais do visitante, portanto, a Bahia se destaca nesse campo, por ter um histórico marcante de divulgação de seus atrativos.

Esse estudo investiga de que forma o filme apresenta o discurso de baianidade, no sentido de compreender o funcionamento dessa linguagem, detectando os instrumentos discursivos (formações discursivas) presentes no mesmo, interpretados à luz do contexto político, histórico e ideológico presentes na obra e considerados relevantes nesta pesquisa.

### **Abordagem e Recorte para Análise**



Desde já, cabe revelar a nossa leitura do filme, reafirmando que *Ó Paí Ó* não é só mais um filme brasileiro de sucesso, pois revela aspectos históricos e ideológicos pelo dito e o não dito em relação ao antigo e imponente discurso sobre a Baianidade. O filme também não só revela de forma cômica a situação difícil dos moradores do Pelourinho, no período em que o bairro enfrenta uma reestruturação urbana, desencadeada pelo Governo Estadual como parte do plano estratégico de fomentação turística, como mostra a relação dualística entre festa, desespero e angústia dos personagens diante dos grandes shows nos circuitos carnavalescos, e também da tragédia que ocorre no bairro, em pleno período do carnaval.

Todos esses elementos discursivos presentes no filme - imagens, trilha sonora, fala e linguagem - constituem um texto sobre a resistência cultural, a capacidade de luta pela sobrevivência, a garra pela vida, assim como, o desvio de caráter, o preconceito e especialmente os grupos marginais. Pode-se dizer que o traço mais marcante da resistência é a memória que congrega as raízes do passado do bairro e ao mesmo tempo convivem com promessas de um novo futuro, mais promissor para uns, já decadentes para outros.

Em busca de um percurso discursivo, abandona-se uma análise conteudista, que tende a aprisionar o sentido da linguagem, sejam as imagens ou as palavras em uma única leitura possível, pois aqui, interessa compreender o discurso como o efeito de sentidos entre os interlocutores, para tanto, Orlandi (2005) acrescenta que, compreender é conseguir detectar os instrumentos presentes no funcionamento do discurso e que tanto os discursos quanto os interlocutores por serem históricos são passíveis de sentidos diversos e que se encontram constantemente em movimento. E, por conseguinte varia de acordo com história de cada sujeito-intérprete. É desta posição de analistas de discurso que será essa pesquisa lê o filme *Ó Paí Ó*.

### **Percebendo a baianidade**

“*Ó Paí Ó*” reúne de maneira bastante interessante os elementos que caracterizam a baianidade, que na leitura de Pinto (2001) compreende uma construção identitária recente, criada na década de cinquenta e ressignificada na década de setenta do século passado, podendo ser pensada como uma representação do modo de vida do baiano, distinto do resto do país e dotado de características peculiares. Para ele:



a noção de baianidade se constitui, basicamente, como a representação quase caricatural de uma suposta cultura singular, espontânea, criativa, musical, etc – e vendável como um produto turístico que atende a um segmento específico de consumo. (PINTO, 2001, p. 4).

Vários outros autores também se dedicaram a estudar o tema, a exemplo do sociólogo Milton Moura (apud PINTO, 2001) que atribui a baianidade traços característicos como familiaridade, sensualidade, religiosidade e em grande medida a negociação política. Santos (2005) observa que o modo singular de “viver baiano” pode ser percebido através das distinções entre a cultura ocidental e as origens africanas. Para o autor, “a docilidade, o ritmo, a sensualidade, a malandragem, a capoeira e a culinária seriam tanto elementos básicos desse contraste quanto o que imprimiria as características próprias do jeito baiano”. Antônio Risério (apud Pinto, 2001) vai mais longe e chega a falar em mito baiano, baseado em um tripé composto por: “antigüidade histórica, originalidade cultural, beleza natural e urbana”.

Em nossa análise procuramos identificar quais destes elementos foram eleitos durante a narrativa cinematográfica e percebemos que o primeiro elemento que identifica o texto identitário baiano começa com a escolha da expressão que dá nome a obra, “Ó Pai Ó”, que na linguagem baiana quer dizer “olhe para isso, olhe”.

Além desta, várias outras expressões são utilizadas ao longo do filme, como por exemplo, “porreta”, “avechar”, dentre outras, numa clara referência a linguagem popular utilizada no Estado que ganhou inclusive um dicionário específico para explicá-la. O dicionário de baianês de Nivaldo Lariú, há 15 anos está nas listas dos livros mais procurados do Brasil, com mais de 140 mil títulos vendidos. A obra ganhou durante Bienal do Livro da Bahia, uma edição revisada, com cem expressões novas. O trabalho de Lariú serviu inclusive de modelo para que surgissem coletâneas similares, identificando as expressões mais usadas em Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e Piauí e está virando uma dissertação de mestrado em Portugal, defendida pelo baiano Gilney Tosta, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, segundo dados do Jornal Correio da Bahia, de 19 de abril de 2007. Nesse sentido, Orlandi (informação verbal)<sup>4</sup> observa que:

---

<sup>4</sup> Informação fornecida por Eni Orlandi durante o Curso de Análise de Discurso, Universidade Federal da Bahia, Salvador, em abril de 2007.



A linguagem é na concepção da análise do discurso, um trabalho simbólico, e uma ação transformadora que faz mediação entre o homem e a realidade social e natural, ela é capaz de transformar as relações entre os homens, é um trabalho que mantém a sociedade, que faz história.

A baianidade também fica evidente na escolha do cenário selecionado para ambientar a maior parte do filme, o Pelourinho - bairro secular de Salvador que aparece com frequência nos guias turísticos da cidade e quase sempre, representado como um “monumento/documento do mito de fundação da Bahia como Idéia, como cenário ‘dramático’ onde a Bahia ‘profunda’ mostra sua face noturna e sombria” (PINHO,1998, p.9). O bairro na visão pesquisador representa o coração da vida popular baiana e pode ser entendido como uma metáfora do tempo das desigualdades sociais, ligadas ao período da escravidão, além representar a originalidade do povo baiano.

O autor lembra ainda que o escritor baiano, Jorge Amado, foi um dos principais responsáveis em atribuir ao bairro um significado especial. O Pelourinho foi descrito em muitas de suas obras quase como uma personagem “composta de ruas sórdidas e mulheres degradadas, viciadas em jogo e macumbeiros, poetas e líderes religiosos”. Para Pinho (1998), o bairro é uma síntese cenográfica dos contravalores negro-mestiço baiano frequentemente adotados na obra do romancista.

É válido destacar que desde os anos sessenta, o Pelourinho foi encarado como um espaço importante e prioritário dentro da política de implantação do turismo na cidade de Salvador, que seguia a política desenvolvimentista adotada pelo regime militar, baseada na noção de que a preservação de valores tradicionais, sobretudo o patrimônio nacional, deveria estar associada ao desenvolvimento econômico das regiões e que o turismo seria a principal interface para realizar este processo. Nessa perspectiva Santos observa que:

O aspecto arquitetônico da área do Pelourinho, combinado com a noção de autenticidade e tradição, daria ao fluxo turístico uma verdadeira concepção das nossas potencialidades artísticas e culturais: “umas das coisas autênticas que o Brasil tem para mostrar”. Por outro lado, reforçava-se a idéia de que o reconhecimento daquela área, pela população baiana, teria o fato positivo de formar uma “mentalidade turística” (SANTOS, 2005, p.85).



Outro elemento que merece destaque na narrativa é a trilha sonora do filme. É ela que dá ritmo às cenas e em muitas vezes complementa a ambientação dos personagens

Nesse sentido, pode-se dizer que a estética (musical e visual) da *axé music* representa o invólucro do “Produto Bahia”, uma vez que tal estilo musical tem larga penetração nos *media* de todo o país e contribui sobremaneira para a afirmação da imagem de uma Bahia idealizada, com um forte apelo em suas músicas de temas como sol, verão, mar, praia, alegria, prazer, sensualidade, o Farol da Barra, o Pelourinho, o Carnaval, etc. Portanto, parece ser pertinente e relevante a associação entre a constituição e a disseminação do discurso da baianidade e a estética da *axé music* e da *música baiana*. Mesmo porque essa produção de cultura de massa vai ser extremamente significativa na “animação” do cotidiano local (com forte incidência nos jovens) e na reatualização da “Bahia mística” do imaginário mais “nobre”. (PINTO, 2001, p.5)

A trilha sonora do filme foi lançada antes que o mesmo entrasse em cartaz nos cinemas, através de uma ação de marketing bastante agressiva, que envolveu inclusive um trio independente durante o carnaval de Salvador deste ano. Caetano Veloso, um dos compositores e intérpretes da música-tema do filme, comandou durante o domingo de carnaval no circuito Barra-Ondina, um trio que recebeu também o nome de “Ó Pai Ó”. Segundo o músico, em entrevista publicada no site Ego (2007), o “objetivo do trio independente sem cordas, no qual todos os foliões podem se divertir sem abadás é lançar a trilha sonora, gravar o *making off* e o material de divulgação do filme”, produzido na Bahia em 2006.

Entretanto, antes do carnaval, a música tema do filme, gravada pelos cantores Caetano Veloso e Jauperi, já liderava, com 79 execuções, as canções mais tocadas em Salvador durante a terceira semana do mês de janeiro de 2007, conforme matéria publicada pelo Jornal A Tarde (2007). A Composição de Caetano Veloso e Davi Moraes foi apresentada pela primeira vez no dia 11 de janeiro de 2007, durante o ensaio da banda Araketu.

Ó Pai ó, teve outro importante material promocional, um CD que reúne a trilha sonora do filme, composta de canções já conhecidas do grande público como “É d’oxum”, “Vem meu amor”, além de duas músicas inéditas de Caetano Veloso, contando com participações especiais de Lázaro Neggrumy, Davi Moraes e Daúde, além de outros artistas. Toda a trilha está disponível na íntegra no site do filme que



funciona como um canal permanente de divulgação, reunindo informações como matérias publicadas na imprensa, críticas, locais de exibição do filme, dentre outros.

A musicalidade é um elemento bastante curioso de ser analisado dentro do texto identitário da baianidade, pois carrega junto de si outros elementos que chegam inclusive a se confundir, a exemplo, da permissividade e da sensualidade, este último, quase sempre associado ao fascínio e atração irresistível da raça negra, que na leitura de Santos (2005) conota a “democracia mulata de grandes corações tolerantes”. Um exemplo claro de como esses elementos se combinam pode ser observado durante a passagem do filme em que os personagens dançam uma coreografia no bar da personagem “Neuzão” ao som de uma cover da cantora americana Beyoncé.

No que tange a permissividade, ela pode ser compreendida de duas maneiras, a primeira diz respeito ao fato da liberdade em relação às escolhas sexuais, a Bahia seria o lugar onde tudo é permitido. A segunda refere-se a permissividade religiosa.

A política de desenvolvimento turística adotado pelo governo do Estado, durante a década de setenta, buscava passar a idéia de que de Bahia tinha “religião e linguagem próprias”. Santos (2005) chama atenção que apesar do discurso político tratar de religião, o candomblé, que mais tarde seria utilizado como “imagem força” do Estado estava subentendido. O governo falava sempre em religião, provavelmente pelo fato de tentar incluir as igrejas católicas seculares que faziam parte da estratégia de visibilidade do turismo.

Apesar disso, o autor deixa claro que uma atenção especial era dada ao candomblé pelo órgão de turismo do Estado, a Bahiatursa, e ressalta que documentos oficiais definiam a religião de origem africana como “colorida e musical”. Para Santos (2005), o candomblé como algo “exótico”, atraente para o turismo, pode ser lido como uma revelação de que o país era uma soma diversificada, nesse sentido ele afirma:

Destacar traços de união entre religiões diversas, que estariam além da raça e cor, expressa um contraponto ao que ocorria em outros cantos do planeta, como por exemplo, a luta “insensata” entre católicos e protestantes irlandeses. A integração aqui ressaltada pode ser compreendida tanto em termos sociais quanto culturais. (SANTOS, 2005, p. 130).

Diante de toda problemática exposta pelos pesquisadores que estudam o objeto baianidade, especificamente o sincretismo religioso presente no Estado, fica clara a necessidade de atualização dos estudos nesse campo de análise, uma vez que o



crescimento da religião evangélica no Estado não pode ser desconsiderada. Configurando desse modo, uma nova dimensão no que concerne as relações histórico-política e ideológica. *Ó Pai Ó* traz a tona à necessidade de discussão dessa temática pelo grande público.

### **Princípios e Procedimentos da Análise de Discurso no filme *Ó Pai Ó***

A Análise do Discurso (linha francesa) ou Análise de Discurso (AD), como sugere chamar os analistas no Brasil, devido a uma variação de sentido, quando a expressão é traduzida do francês, se constitui como uma prática e um campo da lingüística e da comunicação que analisa diferentes formações discursivas (FD), sejam do discurso, religioso, político e ideológico. Sendo muito utilizada para analisar textos midiáticos e as ideologias presentes nos mesmos, serão utilizados os principais conceitos que versam sobre os princípios e procedimentos da AD, para fazer uma leitura de discurso do texto em questão, o filme *Ó Pai Ó*.

Tendo em vista que o discurso é uma construção social, não individual e que só pode ser analisado a partir de seu contexto histórico-social, devem-se levar em conta as condições de produção do mesmo, pois este, geralmente reflete uma visão de mundo determinada advinda de seus autores e do meio social o qual estão inseridos. Já o texto, neste caso o filme, se apresenta como o resultado da atividade discursiva, é sobre ele que se debruça o analista, no intuito de buscar os vestígios que orientam a investigação científica, portanto, o texto é a materialização discursiva, contudo é o discurso, o objeto de análise da Análise de Discurso.

Os diferentes domínios do interdiscurso, presentes nos enunciados de cada personagem são denominados de Formações Discursivas. O interdiscurso é constituído pela memória, portanto é irrepresentável. É nele que se acomodam os dizeres, determinando pelo já-dito, ou aquilo que constitui uma FD com relação à outra. O conceito de FD é, pois, de grande importância na análise dos discursos: através dele chega-se à natureza ideológica, a partir da qual o sujeito produz o sentido. Segundo Pêcheux

Com isso, primeiro identifica-se as principais Formações Discursivas presentes no filme *Ó Pai Ó*; que perpassam desde o campo religioso, político, ideológico e racial, todos estes considerados fragmentos da cultura. Antes disso, é possível notar que as FDs





se desdobram em cada campo sob o jogo dicotômico estabelecido em toda a narrativa, onde o “Bom X Ruim” caracteriza cada discurso.

No campo religioso, notam-se três Formações Discursivas, onde apenas duas se sobressaem. O Discurso da Igreja Católica é praticamente silenciado e restringi-se a imagem de uma das diversas igrejas seculares existentes no bairro, utilizada como atrativo turístico. É interessante notar um deslocamento de atenções que envolvem o sincretismo religioso baiano. Se antes o conflito de formações discursivas acontecia entre a Igreja Católica e o Candomblé, agora o enfrentamento que ganha destaque é o da religião afro-baiana e da Igreja Evangélica. O candomblé é mostrado, apesar de todo o escracho e exagero do próprio do filme, que retrata o lado comercial e estereotipado, como a manifestação da verdade, da resistência. Já a religião evangélica se apresenta caricaturada, como alienante e invasora do espaço alheio, na personagem Dona Joana, que recorre ao Candomblé quando enfrenta um drama familiar.

No campo político, a FD que representa o bom, se encontra na fala de uma das baianas de acarajé, que profere as promessas de melhorias para o bairro Pelourinho com a gestão do Governador ACM, ela diz: “Agora é Ação, Competência e Moralidade”, slogan utilizado pela gestão pública do período. Mesmo que o filme mostre isso de uma forma irônica, de fato esse discurso faz parte da memória histórica dos indivíduos daquele lugar. Com a apropriação da linguagem fílmica, essa expressão toma, o que na análise de discurso se considera como novo gesto de interpretação, capaz de intervir no sentido, dado ao contexto histórico-político diferenciado. A outra FD no campo político se apresenta como o lado obscuro, da dominação política e econômica personificada no comerciante Gerônimo, que se faz de amigo dos moradores, mas que deseja a todo custo banir a “sujeira” que incomoda os turistas.

No campo ideológico e racial, a categoria dual dos sentidos persiste, de um lado encontram-se os moradores que possuem o sentimento agregador, o desejo de partilhar com o outro suas dificuldades e problemas, como é o caso do artista e músico Roque, personagem de Lázaro Ramos, que sonha em ter uma vida melhor, em conhecer o mundo. No entanto, apesar de se enxergar como minoria, em um bairro marginal da capital baiana, luta por manter a dignidade, por meio do seu trabalho como marceneiro e compositor de músicas, o motivo maior do seu orgulho de ser baiano, assim como um grupo de jovens do bairro, que se recusam a entrar no mundo da criminalidade. Por outro lado, Boca, personagem de Wagner Moura, significa e se faz significar em sua fala e comportamento como o porta-voz de um discurso preconceituoso, violento, como



o branco que explora, que é desumano, possuidor de valores morais e culturais menores, em relação ao negro, cheio de sensualidade, de caráter e talento.

### **Considerações Finais**

O filme trouxe à tona a necessidade de ampliar as discussões que versam sobre a problemática da baianidade, contempladas até então somente no âmbito acadêmico. A discussão que perpassou por elementos já clássicos sobre o assunto como a sensualidade e a musicalidade presentes no “jeito baiano de ser”, ressignificou elementos bastante antigos, a exemplo, da religiosidade que ganhou um novo olhar em torno do cenário que congrega atores até então não evidenciados em estudos anteriores, tais como a Igreja Evangélica.

Do cenário do filme aos personagens, passamos por um processo de revisitação de elementos já constituídos no imaginário coletivo, fixados principalmente através da literatura e das políticas públicas no campo da cultura e do turismo implementadas pelo Governo do Estado.

A análise de discurso muito veio contribuir para que fossem detectadas as principais formações discursivas presentes na obra. Pois se apresenta hoje como um campo da investigação científica que privilegia o discurso das mídias. Este método permite, através da escolha de um recorte, realizar uma abordagem dos meios de produção utilizados e do contexto histórico-político e ideológico em que são criados os personagens.

### **Referências Bibliográficas**

ARANTES, Silvana. "Ó Paí, Ó" avista o Brasil a partir da Bahia. **Folha de São Paulo**, 30 de Março de 2007. Disponível em: <http://www.iroh.in.org.br/onl/clip.php?sec=clip&id=1000>. Acesso: 02 de Abril de 2007.

Caetano Veloso comanda a festa do trio Ó paí, Ó, em Salvador. **Ego Notícias**, 19 de Fevereiro de 2007. Disponível em: <http://ego.globo.com/Entretenimento/Ego/Noticias/Carnaval/0,,AA1461832-8031,00.html>. Acesso: 24 de Abril de 2007.

CASTRO, Zezão. Ó Pai na TV. **Jornal A Tarde**, 23 de Março de 2007. Disponível em: <http://www3.atarde.com.br/cultura/interna.jsp?xsl=noticia.xsl&xml=NOTICIA/2007/03/24/1064751.xml>. Acesso em: 21 de Abril de 2007.



MARQUES, Cláudio. **Bagunça Audiovisual**. Disponível em:  
<http://www.coisadecinema.com.br/matCriticas.asp?mat=2161>. Acesso em: 01 de Abril de 2007

MIRANDA, Doris. **Nivaldo Lariú amplia o ‘Dicionário de baianês’, que completa 15 anos com 140 mil cópias vendidas**. Correio da Bahia, 19 de Abril de 2007. Disponível em:  
<http://www.correiodabahia.com.br/folhadabahia/noticia.asp?codigo=126508>Acesso: 23 de Abril de 2007.

PAMPLONA, Vitor. DAMASCENO, Diego. **Os olhos da Medusa**. Disponível em:  
<http://www.nacoco.com.br/boulevard/osolhosdamedusa.html> Acesso em: 01 de Abril de 2007.

PINHO, Osmundo S. De Araújo. **“A BAHIA NO FUNDAMENTAL”**: Notas para uma Interpretação Do Discurso Ideológico Da Baianidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000100007&script=sci_arttext) Acesso em: 2 de outubro de 2006.

PINTO, Roque. **A Bahia reimaginada**: como transformar um velho entreposto comercial em um novíssimo produto de tradições. Congresso Virtual de Turismo (NAYA), 2001. Disponível em: <[http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/roque\\_pinto.htm](http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/roque_pinto.htm)>. Acesso em: 2 de outubro de 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

"Ó Pai, Ó" é a música mais executada em SSA. **Jornal A Tarde**, 17 de Janeiro de 2007. Disponível em:  
<http://www3.atarde.com.br/cultura/interna.jsp?xsl=noticia.xml&xml=NOTICIA/2007/01/17/1047258.xml> Acesso em: 18 de Janeiro de 2007.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder**. Salvador: Edufba, 2005.

SOUZA, Tânia C. Clemente. **Discurso e Imagem: perspectivas de análise do não verbal**. Ciberlegenda, nº 1, 1998. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/tania1.htm> Acesso em: 03 de Abril de 2007.

SOUZA, Tânia C. Clemente. **Discurso e Cinema: uma análise de LIMITE**. Ciberlegenda, nº 4, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/tania2.htm>. Acesso em: 03 de Abril de 2007.

